



RELAÇÕES ‘AFETOEDUCATIVAS’ EM AMBIÊNCIAS ONLINE PERIFÉRICAS: A MARÉ (RJ) EM TEMPOS DE PANDEMIA¹

GT 06 - Educação e Comunicação, cotidianos e práticas de resistências comuns em Paulo Freire

Ana Clara Frey de São THIAGO²

RESUMO

A crise provocada pela pandemia da COVID-19 impôs o distanciamento físico e transformou os modos de ‘*aprenderensinar*’, mediados por tecnologias. Educar nesse contexto exige reinvenção metodológica, com foco na permanência das relações ‘*afetoeducativas*’. Esta pesquisa busca compreender como tais relações, estabelecidas em ambientes online, favorecem processos formativos de estudantes da educação básica. A abordagem teórico-metodológica articula a multireferencialidade e a ‘*pesquisa com os cotidianos*’, refletindo sobre a práxis educativa (Freire, 2015) e a produção de ‘*conhecimentossignificações*’ por meio de narrativas e ‘*conversas*’. Realizada entre março de 2020 e março de 2021, a investigação envolveu 11 estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental, além de 5 responsáveis e 12 professores de uma escola na periferia do Complexo da Maré (RJ). Apesar das limitações de acesso às redes, emergiram estratégias ‘*docentesdiscentes*’ que viabilizaram processos formativos autorais, especialmente via WhatsApp, fortalecendo relações de afeto na educação em tempos de distanciamento físico.

PALAVRAS-CHAVE: Relações ‘*afetoeducativas*’; Ambientes *online*; Processos formativos ‘*docentesdiscentes*’; WhatsApp; Exclusão digital nas periferias; Pandemia.

ABSTRACT

The crisis caused by the COVID-19 pandemic has imposed physical distancing and transformed technology-mediated ways of ‘*learningteaching*’. Educating in this context requires methodological reinvention, focusing on the permanence of ‘*affective-educational*’ relationships. This research seeks to understand how such relationships, established in online environments, foster the formative processes of basic education students. The theoretical-methodological approach articulates multireferentiality and “research with everyday life,” reflecting on educational praxis (Freire, 2015) and the production of ‘*knowledgemeanings*’ through narratives and “conversations. Conducted between March 2020 and March 2021, the research involved 11 fourth-grade elementary school students, as well as five guardians and 12 teachers from a school on the outskirts of Complexo da Maré, Rio de Janeiro. Despite limited access to networks, ‘*teacherstudent*’ strategies emerged that enabled authorial training processes, especially via WhatsApp, strengthening relationships of affection in education in times of physical distancing.

KEYWORDS: ‘*Affective-educational*’ relationships; Online environments; ‘*Teacher-student*’ training processes; WhatsApp; Digital exclusion in the outskirts; Pandemic.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil CAPES) - Código de Financiamento 001

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Doutoranda em Educação – ProPED-UERJ; CENA – Grupo de Pesquisa Cibercultura, Educação e Narrativas Audiovisuais; e-mail: anasthiago41@gmail.com



1 Improvisar para (re)Existir: A Educação como Ato de Composição

*Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Tantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê flor e fruto
(Milton Nascimento – Coração de Estudante)*

Diante das cinco linhas, a pauta de uma partitura em branco, um músico fecha seus olhos e escuta sons em silêncio, procurando compor algo que faça sentido ao que sente. A composição musical é a tradução dos sentimentos, a busca de conduzir o som, de forma harmônica e coerente, com equilíbrio entre o Eu, o ouvinte e a obra. O ato de sonorizar uma partitura compreende o próprio ser que a expressa, de modo que se coloca a emoção em equilíbrio com a autoria da composição.

Baremboim (2009) afirma que o inesperado é um ingrediente necessário nesse fazer musical, posto que “em relação ao som, coragem é a própria vontade e capacidade de desafiar o esperado” (p. 23). Diante da vida dá-se o mesmo processo, em que o viver é a própria partitura e o ser humano o seu intérprete. Muitas vezes, acontecimentos não esperados são aqueles que nos permitem ter uma visão mais ampla de quem somos e quais os nossos propósitos de atuação, os desvios do destino, como bem musicaliza Milton Nascimento.

Nesse sentido, Paulo Freire (2014) traz a perspectiva do ‘Inédito Viável’, que seria a compreensão histórica como possibilidade, da qual decorre uma posição utópica que se opõe à visão fatalista da realidade, assumindo um posicionamento diante do mundo, se implicando, posto que a realidade não é, mas está sendo e, portanto, pode ser transformada.

Entre os acontecimentos que atravessaram e reconfiguraram a vida coletiva, a pandemia da COVID-19 representou um marco histórico e social de proporções globais, impondo rupturas e reinvenções em múltiplos campos. Iniciada no final de 2019, em Wuhan, China, a doença, causada por um novo tipo de coronavírus, se espalhou rapidamente, configurando uma crise sanitária global. No Brasil, chegamos a mais de 700 mil vidas perdidas, em um contexto marcado pela ausência de medidas eficazes, discursos negacionistas e pelo agravamento das desigualdades sociais, impactando de forma mais severa idosos e populações em situação de vulnerabilidade. No campo educacional, a necessidade de adequação ao Ensino Remoto Emergencial (ERE) — solução provisória para evitar a



interrupção das atividades escolares — evidenciou a precariedade de infraestrutura tecnológica das redes públicas e os desafios para manter vínculos educativos em meio ao distanciamento físico.

Foi nesse cenário que se desenvolveu esta pesquisa de mestrado, inicialmente planejada para ser realizada de forma presencial com 33 estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública do Complexo da Maré (RJ). A impossibilidade das aulas presenciais impôs a reconfiguração do estudo para o ambiente virtual, com ênfase no uso do aplicativo WhatsApp. Ao longo de um ano (março/2020 a março/2021), participaram ativamente 11 discentes, cinco responsáveis e 12 docentes da mesma comunidade escolar. A significativa redução do número de estudantes engajados, em relação ao previsto no formato presencial, expôs a desigualdade no acesso às tecnologias digitais e à internet. Ainda assim, as ambiências online, quando mediadas de forma dialógica e sensível, mostraram-se espaços de trocas, produção de saberes e fortalecimento de vínculos afetivos (Wallon, 2010; Espinosa, 2020), articulando dimensões pedagógicas e relacionais.

O objetivo central deste estudo foi compreender como relações ‘*afetoeducativas*’³ estabelecidas nas ambiências virtuais — situadas no contexto da cibercultura e mediadas por tecnologias digitais enquanto elementos estruturantes das formas contemporâneas de comunicação, interação e aprendizagem — favoreceram a emergência de processos formativos de estudantes da educação básica em um território periférico como o Complexo da Maré, em tempos de pandemia.

Buscou-se identificar percursos teórico-metodológicos que permitissem um olhar não hegemônico para as diferenças, analisar agenciamentos comunicacionais e experiências educativas produzidas nesse contexto e refletir sobre as possibilidades autorais da mediação digital, reconhecendo os(as) praticantes como coautores do processo. Ao apostar no potencial das relações entre afeto e educação (Freire, 2015), pretendeu-se contribuir para o debate sobre práticas pedagógicas críticas, inclusivas e criativas, capazes de resistir e reinventar-se diante de crises.

2 A composição em rede: a partitura metodológica escrita num rigor *outro*

Os acordes-base considerados para a composição metodológica dessa pesquisa foram concebidos a partir da bricolagem dos princípios da multirreferencialidade (Macedo et.al, 2012) e os

³ Este termo, cunhado nesta pesquisa, será desenvolvido mais à frente no artigo. Optamos por grafar este e outros termos de forma aglutinada, em itálico e entre aspas, por entendermos, em consonância com Andrade, Caldas e Alves (2019), que seus sentidos não são dissociáveis. A separação conceitual imposta por dicotomias clássicas — como teoria/prática, sujeito/objeto, razão/emoção —, embora fundadora das ciências modernas, estabelece limites epistemológicos que não atendem às exigências das pesquisas com os cotidianos.



movimentos das pesquisas com os cotidianos (Andrade; Caldas; Alves, 2019) na busca de uma pesquisa com um rigor *outro* (Macedo; Gallefi; Pimentel, 2009), assumindo o diálogo entre diferentes referenciais e linguagens como condição epistemológica do trabalho. Nesse registro, o foco desloca-se de “dados” para produções, ‘*conhecimentossignificações*’⁴, elaboradas com os(as) praticantes, reconhecidos(as) como coautores(as) do processo investigativo.

Nesse sentido, foi cunhado o termo *Relações ‘afetoeducativas’* (2022) a partir de elementos de afeto e afetividade presentes nas teorias de Henry Wallon (2010), na Psicologia, em Espinosa (2020), na Filosofia e Paulo Freire (2015), na Educação. Nossas ‘*escritasleituras*’, naquele momento pandêmico, aconteceram a partir das conversas (Sampaio et.al, 2019) e narrativas tecidas com nossos(as) praticantes, nossos(as) interlocutores da pesquisa, em um processo que nos torna autores(as), produtores(as) de sentido, de coautoria de nós mesmos(as).

Desse modo, o campo é compreendido de modo ecológico e ampliado, tendo como referência uma escola pública situada no Complexo da Maré (RJ) e a vida cotidiana de seus praticantes culturais (estudantes, responsáveis e docentes), em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental I como professora regente, com os quais tecemos conversas e narrativas mediadas nas ambiências online.

A produção empírica ocorreu por meio de um conjunto de dispositivos materiais e intelectuais: (i) Diário de campo; (ii) interfaces online; (iii) WhatsApp; (iv) Zoom; (v) conversas e narrativas como práticas geradoras de sentidos permeadas de afeto. Esses dispositivos foram acionados em meio à pandemia e sustentaram a continuidade dos vínculos e a emergência de autorias em rede. Os dispositivos de pesquisa, muito além de meras ‘ferramentas de coleta de dados’, foram disparadores de narrativas, imagens, conversas, diálogos, desvelando o objeto no contexto do campo pesquisado (Santos, 2019).

A análise foi conduzida por movimentos de organização das produções, distinção do que é significativo, codificação cognitiva, afetivo-relacional e conotativa, por meio do reagrupamento em categorias analíticas denominadas noções subsunçoras (Macedo, 2020), entendidas como “macroconcepções” com poder de acolher similaridades e de articular empiria-teoria na interpretação. Para apoiar o trabalho hermenêutico, nos utilizamos de marcações com diferentes colorações de trechos em leitor de PDF, realizando triangulação entre vozes de discentes-responsáveis-docentes no intento de compor um “coral” analítico de diferentes “naipes” de vozes.

⁴ “Entende-se que todo o processo de criação de conhecimentos exige a criação de significações para explicá-los” (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p. 19, nota explicativa 4)



Da leitura dialógica entre empiria e teoria emergiram três noções: (1) desigualdade social no acesso (os silêncios da periferia); (2) WhatsApp como aplicativo viabilizador das melodias no ciberespaço; (3) estratégias e táticas docentes discentes para manter relações ‘afetoeducativas’ em tempos de pandemia. Esses percursos de elaboração das noções subsunçoras denotam a subjetividade do pesquisador na pesquisa em que nossos timbres e ornamentos vão se diferenciando dos demais, tornando-se únicos. Nossa ‘*escritaleitura*’ vai ganhando forma e características próprias, em táticas e dispositivos que acompanham a dinâmica e evolução dos conceitos subsunçores e da própria aprendizagem significativa que se impõe na pesquisa, potencializando os processos criativos de autoria.

3. Entre valsas e descompassos: ‘*aprenderensinar*’ online em tempos de pandemia

No turbilhão imposto pela pandemia de COVID-19, o processo de ‘*aprenderensinar*’ em ambientes virtuais configurou-se como um delicado jogo entre ritmos e pausas, atravessado por condições materiais, afetivas e culturais. A investigação, que se desenvolveu no contexto sociotécnico da cibercultura, destacou como as tecnologias digitais reconfiguram os ‘*espaçostempos*’, por meio da ubiquidade (Santaella,), e tensionam práticas de comunicação e aprendizagem. A discussão articula cultura, diversidade de fazeres-saberes e historicidade, compreendendo a contemporaneidade como tecido de experiências interconectadas que exigem novas mediações educativas.

Nesse cenário, o WhatsApp assumiu papel central como sala de aula expandida, canal de acolhimento individual e vitrine coletiva das produções, com predomínio de interações assíncronas adaptadas às limitações de pacotes de dados, dispositivos compartilhados e rotinas domésticas. A opção por áudios curtos, fotografias de cadernos e textos breves constituiu uma linguagem pedagógica sensível, na qual, conforme Wallon (2010), o afeto se afirmou como elemento estruturante, garantindo presença simbólica mesmo à distância.

Criou-se, assim, uma gramática de cuidado marcada por saudações nominais, perguntas abertas e devolutivas personalizadas. O silêncio não foi interpretado como desinteresse, mas como dado contextual, exigindo novas tentativas de aproximação — em sintonia com Espinosa (2020), para quem a potência de agir se expande quando sujeitos se afetam mutuamente e se reconhecem no encontro. Exploramos os fenômenos rítmicos da cibercultura (como mobilidade ubíqua e fake news) e seus impactos sobre as relações de ‘*aprenderensinar*’. Ao tratar de EOL, EaD e ERE, o texto



evidencia que a pandemia intensificou a dependência de infraestruturas e competências digitais, acentuando desigualdades e exigindo respostas pedagógicas sensíveis e dialógicas.

A primeira questão percebida a partir das conversas com nossos(as) praticantes foi que a maior parte das atividades realizadas naquele momento pandêmico se deram por meio do ERE (Ensino Remoto Emergencial). Essa prática, tratada como ‘emergencial’, na intenção de contenção da propagação do novo coronavírus, trouxe diversas dúvidas e desafios aos docentes, que se viram na obrigatoriedade de realizar atividades sem a estrutura adequada, tanto de tecnologias quanto de formação voltada ao tema.

Desse modo, nossa pesquisa apresentou sentimentos de frustração dos(as) docentes na tentativa de manter esse contato dialógico, de maior proximidade com discentes, mesmo sentimento trazido pelas famílias desses(as) discentes e por eles(as) próprios(as), com relação à falta que sentiam das relações experienciadas nos cotidianos da escola. A desigualdade social no acesso foi uma das questões mais presentes nos relatos, levantada a partir da realidade de que 30% dos(as) nossos(as) praticantes-discentes conseguiram manter contato pelas ambiências online, enquanto 33% ficaram sem acesso algum ao longo desse mesmo período.

Por outro lado, as relações que puderam ser mantidas nesse momento apresentaram potencialidades narrativas e de sentimentos, viabilizadas principalmente pelo WhatsApp, que emerge como disparador de narrativas autorais e potentes, dispositivo fundamental, trazendo sentidos e significados a pesquisa. Devido ao seu caráter gratuito, com a presença de funções que abrangem os novos letramentos, a utilização desta interface foi essencial para manter as relações entre docentes-discentes-responsáveis em tempos de pandemia, tornando-se mobilizador de sentidos na cibercultura.

Entre *valsas* e descompassos, delinearam-se ciclos semanais — convite, ação, devolutiva, reescrita e partilha — que equilibravam rigor e flexibilidade. As celebrações coletivas, como colagens de trabalhos ou álbuns de fotos dos cadernos, reforçaram o pertencimento e o sentido coletivo. A autoria discente emergiu não apenas no produto final, mas nos registros do processo: rascunhos, regravações e imagens compondo um mosaico vivo da aprendizagem em rede.

As conversas e narrativas de discentes, responsáveis e docentes mostraram: (a) sobretrabalho e desconforto docente diante de demandas técnicas e comunicacionais; (b) fragilidades estruturais (conectividade, dispositivos, planos de dados); e (c) táticas cotidianas para manter vínculos e sentidos (uso criativo do WhatsApp, áudios, vídeos curtos, mensagens afetivas e orientações objetivas). A



noção de “avassalador” — emergente em narrativas docentes — sintetiza os abalos subjetivos e institucionais vividos no período.

Nesse viés, esses escritos apresentam os entrelaçamentos que compusemos para tornar viáveis as relações ‘afetoeducativas’ em tempos de pandemia, por meio de estratégias e táticas (Certeau, 2013), ‘docentesdiscentes’ que procuraram subverter o distanciamento físico, aflorando diferentes emoções e sentimentos em um momento tão desafiador. Concebemos esses termos a partir de Certeau (2013) que denomina estratégia como:

o cálculo de relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável em um ‘ambiente’. Ele postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A racionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. (CERTEAU, 2013, p. 46)

Por outro lado, ao refletir sobre a ideia de ‘tática’ afirma que é

um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O ‘próprio’ é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho. Tem sempre que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’. (CERTEAU, 2013, p. 47)

Assim, refletimos as estratégias a partir de um lugar de poder instituído, quando isolamos o sujeito de um ambiente e pensamos suas ações de forma exterior, distinta ao que vivencia em seu redor. É um cálculo, reflexão, pensamento que só é possível quando extrai o ser de seus ‘espaçostempos’. A tática, por outro lado, são as engenhosidades, as ‘artes de fazer’, maneiras de pensar, em que as ações do sujeito não são dissociadas do ambiente em que se insere.

Podemos refletir exemplos, a partir dessas definições, em nossa prática, nas narrativas e conversas com nossos ‘praticantespensantes’, assim como nas outras tantas relações ‘docentesdiscentes’ vivenciadas em tempos de pandemia em outros ‘espaçostempos’. Ao refletir ações de ‘aprendizagemensino’ viabilizadas por um currículo já imposto, nós, docentes e gestão escolar, apenas nos alinhávamos às estratégias e não às táticas, pelo fato de que, muitas vezes, extraímos esses sujeitos-praticantes de seus ‘espaçostempos’, não por insensibilidade, mas pela vontade de tornar as ‘prácticasteorias’ viáveis nesse percurso educativo, como destacam as praticantes-docentes Bruna e Helena:

“Durante esse momento, gravei vídeos, áudios, mandava atividades duas vezes por semanas via WhatsApp, fazia regularmente, videochamadas, ligações, mandava



mensagens para os responsáveis, sempre tentando diminuir o impacto do nosso distanciamento físico.” (BRUNA, 2021)

“Sentia muita falta do convívio, dos abraços, dos penteados que minhas alunas faziam, das histórias deles, da vida, de conviver com as famílias... E como artista, né, o professor deve ir até onde o povo está, seus alunos, então quebrei a cabeça no computador, comecei a estudar, pesquisar e tentar fazer, aprendendo na prática. Corri atrás, para que tudo pudesse chegar da melhor maneira forma para eles, para que o aprendizado não parasse, e principalmente para que eles se sentissem acolhidos, confortados naquele momento, para que eles sentissem que, de certa forma, a escola estava ali.” (HELENA, 2021)

Em seus relatos, para além de buscar realizar práticas pedagógicas e sentimento de não realização do trabalho profissional como professoras, as praticantes-docentes descrevem seus sentimentos com relação ao distanciamento físico e afastamento das relações ‘afetoeducativas’ que tecemos juntos no âmbito escolar, buscando, assim, as ambiências *online* para compor novas melodias e amenizar a saudade, acolhendo e confortando seus discentes nesse momento.

Vivenciando essas mesmas emoções de formas diversas, discentes ao redor do mundo buscaram táticas para subverter a ordem e encontrar formas de se manter conectado, no intuito de não paralisar seus percursos educativos. A imagem abaixo (Imagem 1) demonstra a situação de um estudante que devido as dificuldades presentes em sua localidade de acesso à *Internet*, inventa táticas para subverter que lhe é imposto, para manter a conectividade e dar continuidade aos estudos.



Imagem 1 – Estudante inventa táticas para subverter a falta de acesso à *Internet*

Fonte: <https://www.revistapazes.com/sem-internet-casa-aulas-online/>, acesso em 20 de mai. 2021.

Danuza, praticante-responsável do praticante-discente José, por sua vez, traz os desafios em lidar com os processos educativos de três crianças de diferentes idades em uma mesma casa, tendo



somente um aparelho móvel para realizar tal processo, buscando táticas para superar essas dificuldades. “*Professora, eu coloco ele (José) pra copiar do quadro enquanto faço o almoço, ensino à irmã menor, deixo o outro pequeno copiando o alfabeto e a noite te mando as dívidas dele, porque pra mim fica muito difícil*” (DANUZA, 2020), situação demonstrada na imagem a seguir (Imagem 2)

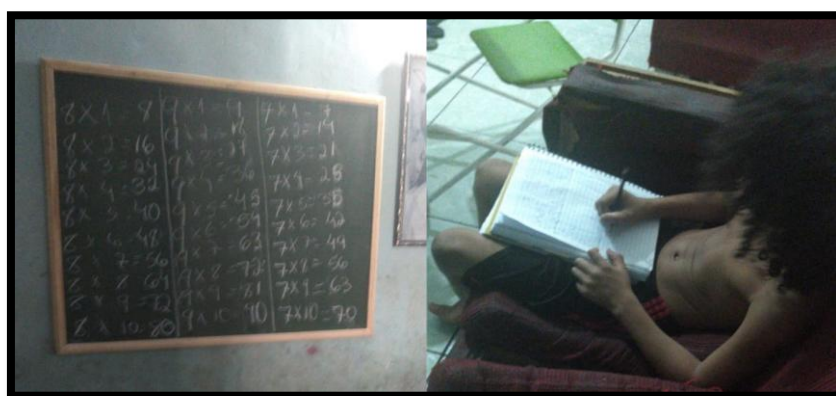


Imagem 2: Desafios de ‘*ensinoaprendizagem*’ na pandemia
Fonte: Acervo da autora, 2020.

Na tentativa de subverter as problemáticas do tempo escasso dentro do lar e de dar conta de diferentes níveis de aprendizagem, a praticante-responsável Danuza procura auxiliar seus tutelados por meio de um pequeno quadro de giz pendurado na sala da casa. As crianças possuem um tempo específico para realizar as atividades enviadas pela escola, que são impressas, pois não há dispositivos móveis para todos. Algumas vezes ela reescreve cada conteúdo recebido nos dispositivos móveis, no quadro e, em seguida, eles copiam no caderno. Santana C. e Borges Sales (2020) problematizam essas práticas educativas que permaneceram com características diretivas em tempos de pandemia, priorizando a transmissão de conteúdos em detrimento de práticas interativas.

Para tanto, novamente ressaltamos que, em nosso contexto periférico de atuação, devido as diversas questões relatadas a respeito da desigualdade no acesso e exclusão digital, nem sempre foi possível realizar práticas síncronas online de interação com os discentes, o que não nos impediu de pensar em medidas para viabilizar essas relações, mesmo sem conseguir atingir a maioria de nossos alunos. Em nossa turma (4º ano - 1401), por exemplo, foi possível realizar encontros pelo aplicativo Zoom, em que emergiram narrativas e acontecimentos potentes.

Em uma de nossas *lives* no Zoom, no dia 09 de julho de 2020, a praticante-discente Elena abre o microfone antes de o encontro começar e diz que é seu aniversário, e que esse ano não poderia



comemorar com os colegas. Em cada telinha, começamos a cantar ‘parabéns’ e Elena fica muito emocionada, afinal era o primeiro aniversário que iria comemorar somente com as pessoas em sua casa, e acabamos participando devido a possibilidade desse encontro (Figura 3). Com o mesmo carinho, a praticante-responsável Rose nos envia a seguinte mensagem:



Imagem 3: Tecendo relações de afeto no Zoom

Fonte: Acervo da autora, 2020.

“E obrigado de você ser uma professora dedicada sabe, você é uma professora muito dedicada, não tem professora igual a você, que fica assim direitinha, igual ela. Porque desde que teve essa pandemia ela não deixou de fazer o dever, sempre tá fazendo o dever dela, porque, porque através de você, você se interessou em fazer ajudando ela. Porque a gente não pode ajudar, porque ela sente falta da professora né...! Ai eu não posso fazer... Mesmo que a gente faça o dever, não é como a professora. A professora já é diferente, ela já tem mais intimidade, e mesmo assim ela fica falando, ela fala pra mim: “mãe, to doida que acaba logo isso pra voltar logo as aulas” (ROSE, 2020)

Essa narrativa, os encontros online e demais conversas denotam a importância das relações ‘afetoeducativas’ compostas nas ambiências online nesse momento, lembrando que essas são “as relações que, movidas pelo sentimento de alteridade, compreendem o ser nas suas experiências individuais e sociais, por uma perspectiva integral, em que se assume um compromisso ético com o outro, na busca mútua da humanização” (2022, p. 150). Dessa forma, é preciso estabelecermos uma nova pedagogia na escola, a “pedagogia do encontro” que, segundo Nóvoa⁵ (2021) deve reformular a forma como olhamos para a escola, valorizando as dimensões do cuidado e da empatia, com espírito colaborativo, ampliando nossas relações e redes educativas.

⁵ Questões refletidas em *live* ministrada por Antônio Nóvoa, denominada ‘Educação depois da pandemia’ no dia 29/04/2021, pelo grupo SESC RJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mEFEEf7SSbc>. Acesso em 29 abr.



No percurso educativo vivido durante a pandemia, reafirmou-se que nada se realiza de forma isolada: das relações tecidas, permeadas de afeto, nasce o compromisso ético de “Ser-mais” (Freire, 2014) e de assumir responsabilidade mútua. Como observa Lemos (2021, p. 123-124), a experiência revelou a importância do que nos falta e a interdependência entre pessoas, objetos e seres vivos, reforçando que “ser solidário é tornar as relações mais sólidas [...] para existirmos, temos que estar em solidariedade”.

Os dados colhidos junto à direção e coordenação escolar no retorno híbrido de 2021 permitem vislumbrar efeitos concretos dessas tessituras. Das 33 crianças da turma investigada em 2020, 22 retomaram com frequência, seis retornaram tardiamente e cinco não regressaram — coincidindo com aquelas com as quais não houve contato no ensino remoto. Entre as que voltaram, apenas cinco apresentaram bom desempenho inicial no 5º ano; todas mantiveram interação constante pelas ambiências online no ano anterior.

Tal correlação sugere que o vínculo cultivado no período de distanciamento físico contribuiu para a assiduidade e a aprendizagem na retomada, enquanto sua ausência pode ter favorecido afastamento e dificuldades. Esses achados reforçam a importância das estratégias e táticas *docentesdiscentes* como dispositivos de continuidade formativa e indicam caminhos para investigações futuras. Encerramos assim com a “boniteza” de esperar: tornar o inédito viável, caminhar juntos aos movimentos do ‘*aprenderensinar*’.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa demonstrou que, em contexto de pandemia e periferia, relações ‘*afetoeducativas*’ mediadas digitalmente existem e fazem diferença: sustentam presença, cuidado e autoria, mesmo quando a infraestrutura é precária. O WhatsApp emergiu como dispositivo viável para produzir continuidade e sentido nos processos formativos, enquanto a desigualdade de acesso conformou o horizonte de silenciamentos a enfrentar. As táticas *docentesdiscentes* mostraram que é possível resistir, criar e aprenderensinar em rede, quando a mediação acolhe as condições reais de vida e aposta na potência do afeto como operador pedagógico.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a bricolagem multirreferencial com os cotidianos mostrou-se profícua para ler o campo sem reduzi-lo, reconhecendo a pluralidade de linguagens, tempos e espaços da formação. O movimento analítico das noções subsunçoras provou-se consistente



para conectar empiria e teoria e autorizar interpretações que devolvem à escola e aos praticantes uma narrativa compreensiva do vivido.

Como desdobramentos, o estudo reivindica: (a) políticas de acesso e conectividade (infraestrutura e dados móveis) com foco em territórios periféricos; (b) formação continuada para o uso pedagógico de TDIC em chave dialógica e afetiva; (c) reconhecimento institucional das conversas e narrativas como práticas legítimas de produção de conhecimento e como atos de currículo em rede. Abrem-se, por fim, trilhas para investigar os efeitos duradouros das relações *'afetoeducativas'* nas ambiências online no pós-distanciamento físico e suas implicações no retorno presencial, mantendo vivo o compromisso ético-estético com a alteridade e a autorização dos praticantes.

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: Oliveira, Inês; Alves, Nilda (Org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, p. 15-38, 2008, p. 15-38.

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - 'após muitas conversas acerca deles'. In: Oliveira Inês; Peixoto, Leonardo; Sússekind, Maria. Luiza. (Orgs). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019, p. 19-45.

ARDOINO, Jacques. Pesquisa multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: Barbosa, Joaquim. (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação**. São Carlos: UFSCar, 1998, p. 24-41.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Dibio. Brasília: Liber Livro, 2007.

BARBOSA, Alexsandra; SANTOS, Edméa; RIBEIRO, Mayra. Diário online no *WhatsApp*: *app-learning* em contexto de pesquisa-formação na cibercultura. In: Porto, Cristina; Oliveira, Kaio Eduardo; Chagas, Alexandre. (Orgs.) **WhatsApp e educação**: entre mensagens, imagens e sons [online]. Salvador: Ilhéus: EDUFBA; Editus, 2017, p. 235-256.

BARENBOIM, Daniel. **A música desperta o tempo**. São Paulo: Martins, 2009.

CETIC.BR. **Painel TIC COVID-19: pesquisa on-line com usuários de internet no Brasil**. São Paulo: Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, 2022. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20220404170927/painel_tic_covid19_4edicao>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 56ª ed., 2014.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 51ª ed., 2015a.

GALEFFI, Dante Augusto. Prefácio. In: Roberto Sidnei Macedo. **A pesquisa e o acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais**. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 13-19.

IMIANOWSKY, André Gustavo; DE ALMEIDA VITÓRIA, Carla. Psicologia e afetividade em Espinosa: uma revisão crítica sobre o uso da teoria dos afetos. **Revista de Ciências Humanas**. 2020, v. 54, p. 1-15.

LEMO, André. **A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital**. Porto Alegre: Sulina, 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

MACEDO, Roberto; BARBOSA, Joaquim; BORBA, Sérgio. **Jacques Ardoino & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MACEDO, Roberto S. **A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária: experiências transingulares com o método em ciências da educação**. Campinas: SP: Pontes, 2020.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael de; Sampaio, Carmen Sanches (Orgs.) **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. Disponível em: http://www.edmeasantos.pro.br/assets/livros/Livro%20PESQUISA-FORMA%C3%87%C3%83O%20NA%20CIBERCULTURA_E-BOOK.pdf. Acesso em: 14 jun. 2020

SANTOS, Edméa. **EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. Notícias, Revista Docência e Cibercultura**, ago.de 2020, online. 2020a. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: 02 jun. 2022.